

## CRONOTOPO E EXOTOPIA NA OBRA DE MARINA MELIANDE

Lucas ConttHupp Mascarenhas Pereira  
Midian Garcia

### RESUMO

Neste artigo, as teorias Bakhtianas de Cronotopia e Exotopia são tomadas como categorias de análises para o filme “*Mormaço*” (2018) de Marina Meliande lançado em 2019. Nesse sentido, é elaborada a reflexão sobre os espaços e o tempo dentro e fora da obra, bem como os enquadramentos e produção de imagens na produção fílmica, de modo a compreender os processos que nos fazem ver e ouvir o outro, cuja vida fica encoberta pela poeira e destroços que compõem a cidade.

**Palavras-chave:** cronotopo; exotopia; cinema; espaço; tempo.

Mikhail Bakhtin (1998) apresenta dois conceitos sobre a relação espaço-tempo, a qual é tomada neste estudo como direcionador para a análise do cinema de Marina Meliande. Este texto objetiva, portanto, a análise, do filme *Mormaço* (2018) de Marina Meliande, produzido em 2018 e lançado em 2019, em que pretendo mostrar como o discurso fílmico apresenta natureza tanto cronotopa quanto exotopa e como esses conceitos dialogam na criação do terror.

Marina Meliande é professora de cinema no Rio de Janeiro e produziu *Mormaço* (2018) na cidade onde vive. Em seu filme, acompanhamos a história da personagem Ana, Defensora Pública, que defende a causa de famílias, as quais enfrentam a desapropriação de suas moradias em espaços onde serão construídos prédios olímpicos no ano de 2015. Enquanto seu prédio antigo é vendido para uma empreiteira que quer comprar todos os apartamentos para a construção de um novo prédio, Ana começa a desenvolver uma terrível doença sem diagnóstico que a aterroriza, interferindo no desfecho de todas as histórias.

Marília Amorim, ao analisar os conceitos bakhtianos na obra *Guernica* de Picasso, afirma que “a criação estética expressa a diferença entre dois olhares” (AMORIM, 2012, p. 96). A referida autora tece uma abordagem sobre os movimentos do artista no processo de criação, no que diz respeito à sua aproximação e distanciamento do olhar do outro. Para Amorim (2012), é nesse movimento, o qual produz enquadramentos, situado entre a busca do entendimento do olhar do outro e o “retorno ao seu lugar”, que o artista alcança a possibilidade de totalizar e desconstruir

um todo. Nessa perspectiva, o espaço na obra de arte constitui-se em uma produção de sentidos executada pelo “retratista”.

Compreendemos, portanto, que Meliande produz enquadramentos. Como retratista, busca captar o olhar do outro em cada frame da tela, produzindo assim a paralização do tempo, mas, ao mesmo tempo, uma escrita do movimento. Não lhe é possível atravessar os limites do olhar, porém, cabe-lhe capturar multiplicidades possíveis.

Nesse sentido, pode-se inferir que Meliande constrói um movimento de trânsitos dos pontos de vista. Na verdade, ela opta por através da protagonista Ana, ouvir o que as famílias desapropriadas têm a dizer e então as retrata, construindo enquadramentos. Meliande busca entender o que é a dor do outro, quando usurpado pelo Estado, ao sofrer preconceito, racismo e abandono estatal. Ela procura enlaçar, ao máximo, como o outro vê. Há um movimento, portanto, de capturar esse “devir incessante” como afirma Marília Amorim (2012).

Na realidade, trata-se de um gesto de simpatizar-se com o retratado, estar ao seu lado e em sua busca, entender que sua causa é comum e compreender que, mesmo que se resolva, essas pessoas retratadas ainda terão muitas outras causas para reivindicar. Eis o conceito de simpatia: a alma julgando por si mesma e preservando sua própria integridade.

Desse modo, Meliande parece não dizer: *“Eu sou negro, eu sofro preconceito, eu irei perder todos os meus bens para que o Estado continue com sua política de pão e circo”*, o que se ouve do autor, nos agenciamentos de imagens, ações da trama, nas sonoridades é: *“Eu vejo sua causa, eu entendo sua causa e eu lutarei ao seu lado por sua causa”*.

Tal pensamento constrói-se também pelo fato da protagonista ser uma Defensora Pública e, frente às tensões e conflitos diários entre Estado e civis, posicionar-se ao lado do civil. Sempre que há o Poder de Polícia presente, a personagem está ao lado dos civis, com essa sutileza narrativa Meliande desdobra enquadramentos expressivos de posicionamento.

A criação de matizes de terror em *Mormaço* (2018) parece ser uma forma de enquadrar artisticamente a agonia de quem sofre a opressão promovida pelo Estado. Como “retratista”, no sentido Bakhtiniano do termo, Meliande move-se entre a sua percepção da ótica do sujeito e o seu olhar estrangeiro frente à experiência do “retratado”, a fim de condensar a experimentação do ver de acordo sua perspectiva.

O medo é comum aos seres humanos, o medo do desconhecido, o medo do inevitável, o medo de ser e se saber impotente. A síntese desses medos, no filme, está simbolicamente apresentada na doença sem cura que acomete a protagonista e que a faz apodrecer de fora para dentro. A ideia de terror construída - no agenciamento das imagens, na poeira que invade a cidade, na sonoridade, no enquadramento das cenas de demolição, no transbordamento da doença para o próprio espaço do quarto da personagem Ana - figura a multiplicidade de temores que invade as personagens. O terror de um corpo social que padece nessas relações de poder, as quais conferem a uns o lugar de morte e a outros o lugar de vida. O apodrecimento humano, no contexto filme, é um retrato de uma sociedade que permite que esse show de atrocidades continue a ocorrer.

**Figura 1** – A cidade que apodrece.



Fonte: Tela extraída do filme *Morraço* (2018).

No papel de artista, a autora deve fazer intervir sua posição exterior, suas teorias, seu contexto histórico para revelar o que não é visível ao sujeito, seja por não fazer parte daquela cultura, seja pela cegueira imposta por forças que impõem um modo de ver. É dessa forma que Meliande cria uma protagonista acometida da dita doença como símbolo dos impactos dessas ações humanas, sua ligação exotópica com o mundo desses marginalizados, vítimas da Necropolítica a faz criar questionamentos vários, os quais não são, no nosso contexto social, audíveis.

Se essas pessoas estão sendo despejadas, para onde vão? Para onde vai toda essa gente? Procura-se, nas vítimas, questionamentos que são da autora. Em

determinada cena, as personagens que acompanhamos, desde o início, não tem mais onde morar, não há mais casa e por isso vagam pelas ruas do Rio de Janeiro como retirantes.

Enquadrados entre a magnitude do Estádio do Maracanã, aparecem minúsculos, quase insignificantes perante tamanha obra arquitetônica. Diferente dos mortos de George A. Romero (*A NOITE...*, 1968), que voltavam à vida para questionar sobre o consumismo, são os vivos de Meliande que se recusam a morrer, que questionam sobre o valor da vida humana no mundo contemporâneo.

**Figura 2** – Os corpos que vagam pela cidade.



Fonte: Tela extraída do filme *Mormaço* (2018).

Podemos associar a ideia de cronotopos, apresentada por Bakhtin (1998), ao filme *Mormaço* (2018) observando-se os espaços onde se desenvolvem os acontecimentos da narrativa e sua relação com o tempo. Para Bakhtin (1998), o cronotopo trata-se de uma categoria da forma e do conteúdo que condensa aspectos de espaço e tempo.

O cronotopo trata da produção da história, está ligado à coletividade, aos gêneros e as suas trajetórias e por gênero podemos afirmar que se trata de visões típicas do ser humano. Bakhtin (1998) mostra que visão do ser humano: pode ser individual, que corresponde a um tempo individualizado, o tempo de cada um dos sujeitos na história. Há também, já na visão de Meliande, o ser humano como sujeito público, que define-se inteiramente pela esfera social na qual os personagens partilham de um tempo em comum. Em *Mormaço* (2018), esse tempo é a preparação para as Olimpíadas de 2016, esse é o tempo necessário para se inserir o gênero.

Bakhtin (1998) apresenta o conceito de cronotopo como definições de espaço-temporais estreitamente relacionadas, muitas vezes, à tônica emocional desenvolvida na obra. O referido autor analisa alguns cronotopos amplamente recorrentes como o encontro e a estrada, espaço-tempo nos quais as tramas, complicações, destinos acontecem se e entrelaçam:

(...) tratamos do cronotopo do encontro; neste cronotopo predomina a matiz temporal; ele distingue-se por um grau de intensidade do valor emocional. O cronotopo da estrada, que se liga a ele, possui mais amplo, porém um pouco menos de intensidade de valor emocional (...) esse é o ponto de enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada (...) a metaforização do caminho é variada muito planejada, mas o sustentáculo principal é o transcurso do tempo (BAKHTIN, 1998. p. 349-350)

De acordo com Bakhtin (1998) constituem-se “*centros organizadores*” do tema, força geradora do enredo que nele se concretiza. Ele ainda destaca que o cronotopo tem princípio figurativo:

as generalizações filosóficas e sociais, as ideias, as análises das causas e dos efeitos, etc. – gravitam ao redor do cronotopo, graças ao qual se enchem de carne e sangue, se iniciam no caráter imagístico da arte literária (BAKHTIN, 1998. p. 356).

Tais formas de composição são recorrentes não só na literatura romanesca, mas também no cinema e na dramaturgia. Bakhtin (1998) chama a atenção para “o tempo” na obra, para ele o tempo é a dimensão do movimento e o lugar para se analisar a natureza da metamorfose dos personagens. No contexto da obra de Meliande, as transformações da personagem Ana ocorrem de forma concomitante entre a deterioração do próprio espaço da cidade e a degradação do seu corpo. Na medida em que espaços e corpo se dissolvem, impactados pela força das ações humanas, o estatuto do terror vai se compondo no tecido fílmico.

A fim de encarnar esses questionamentos, Meliande usa uma doença estranha e repugnante que transforma sua personagem em algo que não é humano, ela apodrece como a cidade em que habita que também parece apodrecer.

A doença é sintoma de algo muito maior, um adoecimento social e político, sua metamorfose se dá por inteiro ao final do filme e ultrapassa os cultos da morte, a morte que seria um limite não é mais, uma vez que a metamorfose da heroína está completa e ela não é mais a mesma personagem que conhecemos na obra.

Ana deixa de existir para que aquela doença que a acomete tome por completo a sua vida, no tornar-se doença a personagem transcende e torna-se uma ideia, uma criatura, um símbolo pulsante. Impossível não associar o arco dessa personagem ao arco de diversas mulheres ao longo da história, Joana d’Arc, por exemplo, também fora morta por se manter fiel às suas convicções e sua imagem reverbera pelo tempo., mesmo depois de sua morte. Mais recentemente, Marielle Franco foi executada na cidade do Rio de Janeiro, mas sua imagem de luta resiste, são figuras que tornam o mito da transcendência real.

**Figura 3** - Ana e o corpo que apodrece junto com a cidade em que vive



Fonte: Tela extraída do filme *Mormaço* (2018).

Os espaços de demolição são também cronotopos, nos quais parte do enredo se constrói, figuram a demolição das vidas, das histórias, da dignidade dos sujeitos. É no espaço da produção das ruínas, na composição da cortina de poeira que o enredo de opressão desses habitantes é narrado.

Percebe-se, então, que há uma associação da ruína, da demolição dos espaços-habitação e do espaço-corpo, como imagem cronotópica. Ambas as demolições - espaço da cidade e corpo - contribuem para figuração dos efeitos de terror que denunciam as ruínas diárias desses personagens.

Nesse sentido, observa-se que é um espaço ordenador e desencadeador da narrativa. A opressão materializa-se, portanto, nesse diálogo do espaço demolido e do corpo apodrecido. Meliande usa imagens reais de demolição que foram gravadas durante o período Pré-Olímpico, casas de família sendo postas abaixo se misturam

com a ficção proposta, fato que acentua dúvidas e questionamentos sobre contemporaneidade. O espectador, nesse sentido, é também enquadrado pelo olhar criador. Cria-se, portanto, agenciamentos entre ficção e realidade intensificando os efeitos de assombro.

O cronotopo de Meliande é a própria cidade do Rio de Janeiro infestada de empreiteiras e políticos mesquinhos que deterioram sua própria população - espaço - para a realização dos jogos olímpicos de 2016 - tempo. Apenas nessa curva de tempo é possível contar a história de uma mulher que apodrece sem motivo aparente. O extremo calor que assola a cidade associado à imagem sufocante da poeira, essa mistura de sensações gerada entre o que a personagem sente e o que o espectador vê, constrói efeitos do sentimento agônico já preconizado no título do filme *Mormaço* (2018).

O retrato dos personagens se mantém como um personagem coletivo, todos os marginalizados e vítimas da Necropolítica são um personagem só. Essa tendência contemporânea que se apresenta em outras cinematografias, a exemplo de *Bacurau* (2019) de Kleber Mendonça Filho e *Azougue* (2019) Nazaré de Tiago Melo parece ser uma resposta social ao mundo de incertezas políticas. Esse retrato exotópico produz um gesto político, mas também é revelador da angústia e do pavor de uma realidade histórica.

Dessa forma, a partir das teorias Bakhtianas de Cronotopia e Exotopia, é possível compreender o pensamento de Marina Meliande sobre os espaços e o tempo dentro e fora da obra. Os enquadramentos e produção de imagens na produção do terror falam de uma compreensão da vida e nos fazem ver e ouvir esse outro, cuja vida fica encoberta pela poeira e destroços que compõem a cidade. Não me refiro apenas a um terror como gênero do audiovisual, falo da própria expressão da captura dos acontecimentos políticos, históricos e sociais.

## REFERÊNCIAS

- A NOITE dos Mortos Vivos. Direção de George A. Romero. Estados Unidos: Image Tem, 1968. DVD (96 min).
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 95-114.
- AZOUGUE Nazaré. Direção de Tiago Melo. Brasil: Urânio Filmes, 2019. CINEMA (80 min).

BACURAU. Direção de Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Brasil, França: SBS Productions, CinemaScópio, Globo Filmes, 2019. CINEMA (131 min).

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética – a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1998.

MORMAÇO. Direção de Marina Meliande. Rio de Janeiro: Duas Mariola Filmes, 2018. CINEMA (94 min).